

## **Observação e intervenção: duas dimensões do paradigma qualitativo e os desafios em pesquisas de comunicação e movimentos sociais populares<sup>1</sup>**

Catarina Tereza Farias de Oliveira<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Ceará/Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Maria Evilene de Sousa Abreu<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **Resumo**

O artigo apresenta reflexões sobre o uso do paradigma qualitativo nas pesquisas sobre práticas comunicacionais e movimentos sociais populares, colocando em debate as perspectivas compreensivas e interventivas deste paradigma. Utiliza como referência para a reflexão as pesquisas das investigadoras em campo e a provocação que os objetos de pesquisa têm trazido para ambas em suas atuações no campo da investigação. A cartografia como método de pesquisa-intervenção é o lugar que o artigo propõe para repensar a hegemonia da postura compreensiva e interpretativa no século XX e coloca as possibilidades de unir reflexividade, criatividade, compreensão e intervenção como parte de um atuar em campo nas pesquisas de comunicação e nas Ciências Sociais e Humanas.

### **Palavras-chave**

Comunicação; paradigma qualitativo; intervenção; movimentos sociais populares.

### **Introdução**

Este artigo traz reflexões teóricas sobre as contribuições da pesquisa qualitativa para as Ciências Sociais e Humanas, tomando como ponto de partida para as reflexões os limites que a postura interpretativa/compreensiva da pesquisa qualitativa pode trazer para as práticas de comunicação e movimentos sociais populares. O lugar empírico para concretizar nossas interrogações e discussões teóricas, bem como pensar nossas formas de entrar em campo tem sido as nossas experiências de pesquisa com movimentos sociais e suas práticas comunicacionais, e as orientações de pesquisas no Mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Ceará - UFC.

A partir desse lugar discutiremos o paradigma qualitativo da pesquisa em suas abordagens nas Ciências Sociais e Humanas e em sua diversidade que vai desde a perspectiva compreensiva/interpretativa à dimensão compreensiva/interventiva. O encontro com esse debate foi acontecendo na medida em que percebemos que os objetos nos solicitavam a ter

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XIV Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu/PR. 2014.

<sup>2</sup> Professora Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora adjunta XI da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [catarinaoliveira30@gmail.com](mailto:catarinaoliveira30@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico – FUNCAP. E-mail: [evilenesousa@hotmail.com](mailto:evilenesousa@hotmail.com)

uma postura mais interventiva, não apenas após os processos de compreensão de pesquisa, mas inclusive nos próprios contextos das investigações. Entretanto, certa tradição de pesquisa parece nos limitar o estabelecimento de determinadas relações com os objetos de pesquisa em nome do fazer ciência crítica e reflexiva. Desse modo, cremos que compreender e intervir podem vir acompanhados de posturas reflexivas e críticas nos processos de pesquisa. Assim, o objetivo deste artigo é fazer esse debate que de forma alguma apresenta um lugar homogêneo discursivo, embora saibamos da hegemonia do paradigma compreensivo/interpretativo durante o século XX.

### **As principais estratégias da pesquisa qualitativa**

O paradigma qualitativo tem suas bases teóricas nos processos reflexivos em que se travam debates teóricos ainda no final do século XIX e início do século XX. Segundo Santos Filho (1995), os embates eram travados contra o positivismo e seu modo de buscar conhecer a sociedade com posturas em que os objetos das Ciências Sociais eram apresentados como coisas. Para o positivismo estes mesmos objetos eram investigados em meio à busca de regularidades e às questões que não traziam dimensões compreensivas, mas sim constatações.

Os filósofos e pensadores envolvidos nesta contraposição ao positivismo eram vinculados, inicialmente, ao pensamento filosófico idealista. As discussões tiveram como representantes essenciais: Dilther, Rickert, Weber e Husserl (SANTOS FILHO, 1995). Para Santos Filho (1995, p. 24), “os filósofos e pensadores sociais envolvidos nessa discussão entendiam que os estudos da vida social e humana em termos de analogia com as ciências físicas, além de incorretos, podiam destruir o que representa a essência da vida social e humana”. O autor destaca aqui um aniquilamento no processo de entendimento e apreensão da dinâmica histórica e cultural deste objeto. Esta essência se refere, principalmente, às justificativas defensivas que surgiram a partir deste contexto para a defesa das particularidades dos objetos das Ciências Sociais e Humanas. Uma defesa que procurou fundamentar a necessidade de postura compreensiva e interpretativa das dimensões culturais e das redes de significados tecidas nas relações humanas. Segundo Santos Filho (1995, p. 27), “a tarefa do pesquisador nas Ciências Sociais não é descobrir leis, mas engajar-se numa compreensão interpretativa”. Desse modo, foram sendo traçados os princípios básicos do paradigma interpretativo e compreensivo que fez a marca maior das pesquisas em Ciências Sociais, as quais seguimos hegemonicamente nos dias de hoje.

Outras questões que marcaram o debate constitutivo do paradigma interpretativo/compreensivo ampliaram mais ainda sua especificidade. Para Santos Filho (1995), Rickert e Weber levantaram a questão de que o problema básico não era a diferença entre os objetos das Ciências Físicas e Ciências Sociais. Para estes dois autores, a distinção das Ciências Sociais estava no tipo de questão levantada pelo pesquisador. Esta pergunta deveria permear, certamente, a busca de significados das ações, valores, crenças e expressões culturais dos grupos, instituições ou qualquer outra representação social estudada. Entretanto, nosso interesse neste artigo não é traçar uma revisão das discussões teóricas que constituíram ao longo da segunda metade do século XIX e início do século XX as bases do paradigma qualitativo, pois essas reflexões já foram realizadas por vários autores Haguette (1987); Camilo Filho (1995); Gondin (1999); Goldenberg (1999); Magnani (2003) e Orozco e Gonzalez (2011). Nosso objetivo é refletir sobre a importância desse paradigma para compreensão da vida em sociedade, das práticas culturais e comunicacionais, temas de nossas investigações. Assim, como lembrar que o paradigma qualitativo, embora tenha hoje uma predominância de aplicação na dimensão compreensiva/interpretativa, tem também suas bases teóricas compreensiva/interventiva que podem ter maior uso nas pesquisas sociais. Entretanto, essa última postura tem menor expressão na pesquisa social e qualitativa.

O tema da compreensão/interpretação, postura básica para definir o paradigma interpretativo/compreensivo tem sido retomado pelos pesquisadores que recorrem a esse paradigma, até por que, de acordo com Flick (2009, p. 7) “nos últimos anos a pesquisa qualitativa tem vivido um período de crescimento e diversificação inéditos ao se tornar uma proposta de pesquisa consolidada e respeitada em diversas disciplinas e contextos”. Desse modo, sendo a etnografia, considerada por Santos Filho (1995), como o protótipo da pesquisa qualitativa, compartilhamos com o representante da antropologia urbana no Brasil, Magnani (2003) as características da pesquisa compreensiva. Este autor reforça a ligação da etnografia com essa dimensão compreensiva/interpretativa da pesquisa social e dessa forma, ressalta a postura de observador do pesquisador social, no caso mais específico aqui o etnógrafo:

Segundo as trilhas abertas por Malinovski, os antropólogos aprenderam desta maneira, a transformar as dificuldades iniciais de seu trabalho em condições e instrumentos de pesquisa. Com efeito, diante das sociedades com padrões culturais completamente diferente dos seus, é preciso estar atento a cada gesto, palavra ou hábito, por mais insignificantes ou exóticos que possam parecer. Para compreender seu significado e poder relaciona-los com outros aspectos do sistema cultural, é imprescindível, além de explicações dos nativos, observá-los no contexto da vida tribal. (MAGNANI, 2003, p. 18).

Goldenberg (1999, p. 14) também afirma que na pesquisa qualitativa a preocupação “é com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc.” Nessa perspectiva, firma-se sempre que conhecer e compreender constituem as principais metas do pesquisador social.

Na área da comunicação, a pesquisa qualitativa tem sido problematizada por autores como Orozco e Gonzalez (2011). Este pensador defende que a aproximação das pesquisas em comunicação com o paradigma qualitativo não representa apenas um desvio dentro da filosofia do conhecimento, mas sim uma forma de nos aproximarmos de outros modos de perguntar e de percebermos questões as quais não encontrávamos respostas. O autor segue como os demais destacando a relevância da perspectiva qualitativa: “La investigación desde la perspectiva qualitativa puede definirse como aquella que busca comprender las cualidades de un fenómeno respecto de las percepciones propias de los sujetos que dan lugar habitan o intervienen esse fenómeno” (OROZCO e GONZALEZ, 2011, p. 117). Orozco e Gonzalez (2011) seguem afirmando que a pesquisa qualitativa é outra forma de olhar que não se prende a observar as dimensões mais externas do objeto. Esta investigação é um processo de indagação, de interpretação e de compreensão.

Uma questão bastante debatida sempre pelos autores tem sido o modo de interação entre sujeito e objeto. Por ser muito próxima, por trabalhar com pontos de vistas e falas dos objetos pesquisados, tem se destacado o cuidado com o estranhamento do pesquisador, uma perspectiva já abordada por diversos teóricos (GONDIN, 1999); (GOLDENBERG, 1999); (MAGNANI, 2003); (OROZCO e GONZALEZ, 2011). Goldenberg (1999, p. 51), assim se refere a essa interação sujeito/objeto. “Por fim, cabe assinalar as possíveis consequências de uma interação de longo prazo com o objeto de estudo, em que é difícil evitar sentimentos de amizade, lealdade e obrigação que podem provocar censuras nos resultados da pesquisa”. Entretanto, essa interação também, foi problematizada como uma preocupação de que essa relação iniba o estranhamento e a crítica reflexiva nas aproximações com este objeto. Nessa perspectiva, as estratégias de pesquisa sempre foram tomadas por essa opção mais compreensiva com aquelas ferramentas que proporcionam observação, interpretação, aproximação e aprofundamento das questões levantadas na pesquisa, mas sem envolvimento que fossem além da observação.

No entanto, ainda no paradigma qualitativo há outra dimensão de escolhas para pesquisar que amplia essa postura de observação do investigador. Estamos nos referindo ainda

a um lugar do paradigma qualitativo em que foi colocada a possibilidade de observar e compreender, mas também de intervir durante o processo de pesquisa. Menos predominante durante o século XX, esta postura esteve sendo problematizada através da pesquisa-ação, pesquisa participante e da pesquisa intervenção, esta última mais recente.

Essa reflexão nos cabe neste artigo, porque tanto no caso da investigação sobre as experiências de comunicação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, realizada no assentamento Itapuí, no Rio Grande do Sul, entre 2010-2011, quanto na pesquisa que estamos desenvolvendo sobre as práticas socioculturais promovidas por jovens no assentamento Barra do Leme<sup>4</sup> a postura interpretativa não contribui para os objetos em questão. Não retiramos aqui o caráter crítico e a importância da postura compreensiva, mas colocamos uma complementação a compreensão que seria a intervenção do pesquisador no momento da investigação. Uma etapa que não está separada da outra, pois entendemos que compreender, não elimina as possibilidades de intervir e colaborar com o objeto da pesquisa.

### **A pesquisa-intervenção: atuando no entre**

No contexto da pesquisa qualitativa, a intervenção é proposta pela pesquisa-ação, pesquisa participante e cartografia. Porém, nas duas primeiras é pioneira e desde os anos 1970 e 1980, é problematizada e defendida como parte de um processo de conscientização e transformação social (THIOLENT, 1986; BRANDÃO, 2006). Ressaltamos que estas eram as ideias básicas de um contexto de guerra fria, de ditadura militar no Brasil e na América Latina, bem como de questionamento ao império e ao domínio cultural e político norte-americano, no qual estas teorizações foram gestadas e definiram seus objetivos de intervenção. No entanto, defendemos uma postura interventiva que não se trata necessariamente de transformação social ou de conscientização. Compartilhamos com possibilidades de sair da postura interpretativa e quando solicitadas em campo seguir fazendo junto com os objetos, pois acreditamos que estas formas de atuar são partes do processo de pesquisar próximos a pesquisa-ação e a pesquisa participante, porém mais identificada com a “cartografia que surge como um método de pesquisa-intervenção” (KASTRUP, 2010, p.17).

Dessa mesma forma, nos posicionamos em outro artigo em que discutimos essa relação pesquisa participante, pesquisa-ação e a cartografia.

---

<sup>4</sup> O assentamento Barra do Leme está localizado na região norte do Ceará. A pesquisa iniciou em abril de 2013 e segue até abril de 2015, e busca além de compreender as apropriações da comunicação audiovisual por jovens rurais, cartografar como os jovens do assentamento Barra do Leme se mobilizam e articulam suas práticas socioculturais na comunidade.

Apresentada não como um método pronto, a cartografia não separa o espaço do sujeito e permite a realização de percursos de intensidade que trazem novos significados, constituindo lugares de desejo e intensidade. Desse modo, a intervenção parece mais sutil e menos sujeita a impor conduções de conscientização iluminada. A cartografia define de forma mais simples que a intervenção deve fazer parte da postura do pesquisador e que a compreensão não ocorre separada da intervenção. (OLIVEIRA e ABREU, 2014, p. 11).

Com isso, nossas posturas de pesquisadoras têm sido articuladas pelo desejo de fazer trabalhos de investigação que envolva os sujeitos participantes e permitam constituir processos coletivos em campo, na medida em que a pesquisa estaria intervindo no cotidiano desses sujeitos e na nossa própria formação de pesquisadoras. Assumir e realizar uma pesquisa desse tipo é uma tarefa desafiadora, pois é pensar novos caminhos e nos permitir olharmos as multiplicidades e não trabalharmos com estruturas retas e geométricas.

É deixar o corpo pleno e agir assim como diz Deleuze e Guattari (1995, p. 56) como um “corpo sem órgãos”, um pesquisador tátil que consegue se deixar ser tocado, que transita dentro e fora do seu objeto, sem perder as suas intensidades. Esse “corpo sem órgãos não é um corpo morto, mas um corpo vivo, capaz de desorganizar o que é apresentado e que se deixa atravessar não por invenção, mas pelo que a vida é, um fluxo contínuo de intensidades” (grifo nosso) (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 56). Um corpo em que se permite ser habitado pelos acontecimentos, que afeta e se deixa ser afetado pelo que é vivido, interagindo com as possibilidades de determinado espaço, sem perder o seu movimento ou deixar de lado suas reflexividades.

Nesse sentido, compreendendo “a produção de conhecimento como uma prática conectada à vida, guiada pela possibilidade do devir e pela potência da diferença” (FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN, 2012, p. 12) optamos por desenvolver na pesquisa *com* jovens no assentamento Barra do Leme uma pesquisa-intervenção. Nosso intuito era conhecer mais de perto as vivências do objeto, trocar ideias, construir processos com eles, criar novas problematizações e questões de pesquisa.

A pesquisa-intervenção descortina um modo de fazer pesquisa fecundo na sua articulação entre o que se investiga e como se investiga. Em relação ao campo da infância e da juventude, isso quer dizer que a construção de pesquisas com crianças e jovens, e não sobre elas, determina de modo irretroatável o modo de investigação. Pesquisar crianças e jovens, ou com crianças e jovens, implica diretamente uma reflexão sobre a posição do investigador, sua relação assimétrica – em todos os sentidos – em relação aos pesquisados, e sobre os efeitos de tal assimetria no fazer da pesquisa (CASTRO e BESSET, 2008, p.11).

Essa perspectiva de realizar uma pesquisa-intervenção com nossos objetos surge de diferentes lugares em campo, e estamos debatendo isso de formas distintas porque os lugares de pesquisas tem suas particularidades. Assim, nosso percurso em campo tem se constituído no caminhar da pesquisa, junto com os objetos, sem deixar de trazer as reflexividades, criatividades e as preocupações básicas do paradigma qualitativo. Levamos também em consideração que “conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão a neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios a relação que os liga” (PASSOS e BARROS, 2010, p. 30). Desse modo, assim como uma bússola, o uso da “cartografia como método de pesquisa-intervenção” (PASSOS e BARROS, 2010, p. 17) tem direcionado quais os caminhos a percorrer em nossos estudos. A cartografia apresenta como característica principal o uso da subjetividade no método, e nos permite construir metas, critérios e procedimentos dinâmicos. Ela acompanha percursos de intensidade que trazem novos significados, não separa o espaço do sujeito e se constitui nos lugares de desejo e intensidade. Por ser invisível, a cartografia pode ser caracterizada por produzir situações intensas na pesquisa e agregar superposições do visível e invisível, e por trabalhar com o pensamento subjetivo possibilita a construção de uma ciência que se move, ou seja, que constrói um corpo.

Podendo ser compreendida com um trilhar metodológico, a cartografia apesar de se destacar no Brasil, nas áreas de Psicologia e Educação, tem adentrado à Comunicação nos últimos anos. Como apresenta Aguiar (2011, p.13) foram contabilizados no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), até janeiro de 2011, dez trabalhos da área de comunicação. Nestes estudos, tem se construído mapas de relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos<sup>5</sup>, jogos de objetivação e subjetivação que reúnem apontamentos e reflexões do que propomos a fazer/ser durante uma pesquisa, que vão além de uma análise midiática dos fatos.

Apresentada por várias dimensões e por autores de várias áreas, a cartografia é abordado pelo viés rizomático pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). Suely Rolnik (2006) a partir da Psicoanálise trata também a temática no Brasil e em uma perspectiva comunicacional Martín-Barbero (2004) trabalha com a mesma. Nas formulações de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), as reflexões da cartografia estão intimamente ligadas aos agenciamentos, da ordem dos afetos, e ao enfrentamento dos dispositivos definidos por

---

<sup>5</sup> Os agenciamentos são da ordem dos afetos. São “uma relação de cofuncionamento, descrita como um tipo de simpatia. A simpatia não é um mero sentimento de estima, mas uma composição de corpos envolvendo afecção mútua” (BARROS e KASTRUP, 2010, 57).

Foucault (1984) como estratégias da relação de força que sustentam certos tipos de saber e que são sustentadas por eles.

Caiafa *apud* Barros e Kastrup (2010), afirma que é a simpatia dos agenciamentos, ou seja, as relações que permitem ao etnógrafo se relacionar com os heterogêneos que o cercam, agir com eles, e escrever com eles. É aqui também onde encontramos aproximações da etnografia e cartografia que aposta também nessa construção e faz o uso da observação participante, onde etnógrafos e cartógrafos mantêm contato direto com os sujeitos da pesquisa e seu território existencial, diferenciando-se quanto à questão da postura do pesquisador em campo. Na etnografia o pesquisador é tradicionalmente um observador, dedicado a compreender os significados das ações, valores, crenças e da cultura de grupos em sociedade.

Na cartografia social, assim como na cartografia tradicional ligada ao campo de conhecimento da geografia, que aborda os estudos dos territórios de forma precisa, é apresentado explicitamente o envolvimento do pesquisador na pesquisa, e são construídos mapas dos territórios, porém em outros níveis.

O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que categoriza o terreno de forma estática e extensa, outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado. (KIRST; GIACOMEL; RIBEIRO; COSTA; ANDREOLI, 2003, p. 92).

Nesse sentido, a cartografia social reúne na constituição dos seus mapas os enfrentamentos, as resistências, potencialidades e os jogos de objetivação e subjetivação que atravessam os sujeitos. Os mapas constituídos nas pesquisas cartográficas não são terrenos, mas sim “mapas noturnos” como abordados por Martín-Barbero (2004, p. 10). Caracterizado como um cartógrafo mestiço, ele defende que estes tipos de mapas

[...] mudam o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema, mas como enzima. Porque os tempos não estão para síntese, e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar se não apalpando, ou só com um mapa noturno. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.18).

Desta maneira, os mapas permitem experimentações mais ancoradas ao real e aproximam as relações constituídas pelos sujeitos durante a realização da pesquisa, ou seja, as *afecções* e os desejos que movem o pesquisador. Nas nossas experiências de pesquisa tem

sido imprescindível a aproximação do campo e a constituição destes mapas, que tem nos possibilitado além do convívio, provocações e transformações sobre os nossos modos de fazer pesquisa.

### **Barra do Leme: uma cartografia em construção**

Nossa proposta inicial de pesquisa era analisar como se dá a produção de sentidos dos jovens criadores de audiovisual, moradores de um assentamento rural do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, bem como, a recepção das produções audiovisuais apresentadas à comunidade. Estes jovens participaram no período de 2011 a 2013, das oficinas audiovisuais realizadas pela Academia de Ciências e Artes (ACARTES<sup>6</sup>) em parceria com o Arte e Cultura na Reforma Agrária (PACRA<sup>7</sup>). Embora o projeto da ACARTES envolvesse onze assentamentos rurais, delimitamos na proposta da pesquisa que iríamos acompanhar as apropriações e as produções de sentidos dos jovens e moradores de apenas um assentamento rural, o qual foi escolhido Barra do Leme. A definição do espaço de realização do estudo foi primordial e uma das primeiras atividades efetivada na pesquisa foi acompanhar mais de perto as atividades desenvolvidas pelo Arte e Cultura na Reforma Agrária e ACARTES nos assentamentos. Não conhecíamos os jovens nem quais eram os assentamentos que faziam parte das oficinas ministradas pela ACARTES. Com isso, a primeira atividade que desenvolvemos foi uma pesquisa exploratória sobre o projeto, em que mapeamos as postagens no blog<sup>8</sup> do Arte e Cultura na Reforma Agrária e entramos em contato com a equipe da ACARTES para obter mais informações sobre o funcionamento do projeto e os assentamentos integrados.

A pesquisa exploratória foi realizada através de pesquisas virtuais, duas visitas à sede da ACARTES, no Pirambu<sup>9</sup>, e participação em duas oficinas com os jovens. As oficinas

---

<sup>6</sup> A ACARTES é uma organização da sociedade civil, criada em 2002 no bairro Pirambu (periferia de Fortaleza), por remanescentes de antigos movimentos culturais do bairro, como o Movimento Cultural e Político do Pirambu (Mocupp), Centro de Ativação Cultural (CAC) e o Centro Popular de Cultura (CPC). A organização desenvolve um trabalho voltado para cultura, através da formação de jovens e adolescentes nas diversas linguagens artísticas como: cinema e vídeo, artes plásticas, teatro de palco e teatro de bonecos. Em 2004, a ONG foi selecionada pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais para ser um Ponto de Cultura, aumentando de 40 para 150 o número de jovens beneficiados. Em 2010, através de uma parceria, com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/CE) está realizando oficinas audiovisuais para jovens de 11 assentamentos rurais do MST. <http://academiadecinema.blogspot.com.br/>

<sup>7</sup> O Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária (PACRA) é uma iniciativa do INCRA-CE pioneira no Brasil, surgiu em 2003, articulando hoje mais de 40 grupos de assentamentos de reforma agrária. Surgiu mediante a identificação de uma demanda nos assentamentos de reforma agrária no campo da arte e da cultura, haja vista a vasta produção existente nessas comunidades e que não dispunha de nenhum tipo de incentivo, seja do Estado ou da iniciativa privada. <http://arteculturanaareformaagraria.blogspot.com.br>

<sup>8</sup> Endereço do blog: <http://arteculturanaareformaagraria.blogspot.com.br>

<sup>9</sup> Pirambu é uma comunidade urbana, localizada na zona oeste da cidade de Fortaleza – CE, distando aproximadamente 5 (cinco) quilômetros do centro da cidade, numa antiga área de marinha e de alguns proprietários de posse do Estado, hoje

audiovisuais aconteciam em Itaitinga, cidade da região metropolitana de Fortaleza, onde a ACARTES montou sua própria cidade cenográfica<sup>10</sup> para realizar produções audiovisuais e formação para jovens. A pesquisa elencou os onze assentamentos que participavam das oficinas audiovisuais, a partir dos seguintes tópicos: a) Localização; b) Ligação com o MST; c) Produções audiovisuais ou acadêmicas concluídas; d) Temáticas dos vídeos; e, f) Oficinas a realizar.

A partir da pesquisa exploratória manifestávamos desde então, o desejo de realizar a pesquisa no assentamento Barra do Leme. Porém, o fato do mesmo não está atrelado ao MST, nos fez pensar que seria melhor vê outro espaço, preferindo prolongar por mais alguns dias a decisão, que logo foi confirmada após acompanharmos a oficina de “Montagem de Cenas” realizada em janeiro de 2013. Na ocasião, tivemos o primeiro contato com os jovens, apresentamos a proposta da pesquisa e o desejo de realizar em um dos assentamentos ali presentes, enfatizando no discurso a relação dos mesmos com o MST.

Nesta oficina os próprios jovens nos informaram que este tópico poderia não ser um elemento essencial no estudo, visto que eles eram um Movimento de Arte e Cultura na Reforma Agrária com objetivos e lutas próprias. Um dos jovens participantes da oficina foi bastante enfático na descrição das diferenças que existe entre o MST e o Movimento do Arte e Cultura. Segundo o mesmo, “o Arte e Cultura é um movimento a favor da arte e cultura do campo, que tem sua própria trajetória de luta e conquistas, e não está ligado ao MST”. Confirmamos também esta informação no blog do projeto, onde é descrito como uma das conquistas do ano de 2010 a inclusão da temática arte e cultura no campo em outros movimentos. “A Arte e a Cultura se tornaram uma pauta dos movimentos sociais do campo (MST, FETRAECE, CPT), tendo o PACRA como referência<sup>11</sup>”.

A partir deste diálogo com os jovens percebemos que pontos como estes da relação com o MST não deveriam ser considerados primordiais na pesquisa. Além disso, percebemos aos poucos que nossa temática excedia a participação dos jovens em um Movimento ou grupo, e que ter este item como determinante poderia limitar o objeto. Uma questão que observamos e não podemos deixar de mencionar nesta pesquisa, é a nossa postura como pesquisadora, que desde o princípio apresentou as aproximações com a temática e com o

---

considerada de propriedade comunitária, segundo o decreto nº 1.058, de 25 de maio de 1962, que declara tais terras de utilidade pública para execução de plano habitacional, em favor de seus moradores. Possui enorme densidade demográfica, com população de aproximadamente 270 mil habitantes integrando o chamado “Grande Pirambu” composto pelos bairros Nossa Senhora das Graças, Cristo Redentor, Colônia, Tirol e Quatro Varas.

<sup>10</sup> A cidade cenográfica foi montada em 2009, para gravação da minissérie “Poço da Pedra” (TURINO, 2009, p. 42).

<sup>11</sup> Relato apresentado no cronograma das ações desenvolvidas em 2010, pelo Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária (PACRA) - <http://arteculturanaareaagraria.blogspot.com.br/2011/06/2010.html>

município de Pentecoste<sup>12</sup>, onde fica o assentamento Barra do Leme. Vemos que estas identificações mesmo desconhecendo as formas de vida de um assentamento rural contribuíram para intensificar e aproximar o contato com os jovens deste assentamento.

Na oficina de “Montagem de Cenas” interagimos e fizemos contato com todos os jovens presentes, e logo após conseguimos fazer contato com alguns deles através das redes sociais, telefone e e-mail. Infelizmente não obtivemos o retorno da maioria, havendo do grupo de Barra do Leme maior aderência e um convite para conhecer o assentamento durante a 1ª Feira Cultural do Ciclovida<sup>13</sup>.

A 1ª Feira Cultural do Ciclovida aconteceu em abril de 2013, e tinha como objetivo movimentar culturalmente o assentamento e despertar olhares para a seca que desde 2010, vem atingido o nordeste. O evento era organizado pelos moradores do assentamento e grupos de Fortaleza, que além de irem fazer suas apresentações culturais, mobilizaram outras pessoas a colaborarem e participar do evento. Estivemos presente no evento, mas devido à vinda dos grupos de Fortaleza, a programação foi alterada e só conseguimos acompanhar parte das atividades. Não encontramos nenhum dos jovens participantes das oficinas da ACARTES, pois dois deles se encontravam em uma oficina da Escola de Teatro da Terra<sup>14</sup>, e um estava na casa de familiares, em Fortaleza. Porém, nas nossas outras idas ao assentamento Barra do Leme, em agosto e setembro de 2013, encontramos os jovens e passamos a dialogar com eles e conhecer mais de perto como funcionam as atividades no assentamento.

A partir das três idas ao assentamento nos meses de abril, agosto e setembro, acompanhamento de duas oficinas audiovisuais promovidas pela ACARTES, e do diálogo e entrevistas com os diversos interlocutores da pesquisa (jovens e moradores de Barra do Leme, facilitadores e coordenadores do projeto), percebemos que as práticas audiovisuais ainda circulam muito pouco no assentamento, mas existe uma intensa presença de outras práticas socioculturais, como música, xilogravura, contação de histórias, cordéis, dança e teatro. O teatro é desenvolvido há 12 anos no assentamento pelo grupo Caricultura, constituído em 2001 pelos moradores do assentamento com o objetivo inicial de realizar brincadeiras de rodas com as crianças e adolescentes da comunidade. Atualmente o Caricultura é composto

---

<sup>12</sup> Uma das pesquisadoras viveu neste município até seus 19 anos de idade.

<sup>13</sup> O Ciclovida é uma iniciativa coletiva de cunho sócio-ecológico e cultural com o intuito de conversar e trocar sementes crioulas, usando a bicicleta como meio de transporte ecológico. Envolve pessoas de diferentes assentamentos e países, e teve como ação principal a produção do documentário “Ciclovida”, em 2005, que conta a história do casal de agricultores do assentamento Barra do Leme (Ivânia e Inácio) que atravessaram a América do Sul pedalando por mais de dez mil km na campanha de resgate das sementes naturais. Fonte: <http://projetociclovida.blogspot.com.br/>

<sup>14</sup> A Escola de Teatro da Terra é uma ação de formação desenvolvida pelo PACRA/INCRA, em parceria com a Associação do Assentamento Todos os Santos, em Canindé. Traz como eixo base a especificidade da arte produzida no campo, tratando-a como singular inserida num contexto de encantamento do homem com a terra. Fonte: Panfleto de divulgação da Escola.

por cerca de trinta pessoas, entre jovens, crianças e adultos, e segundo os moradores, iniciou de maneira espontânea para “tirar as crianças da frente da televisão<sup>15</sup>”.

Ao conhecer de perto o trabalho realizado pela ACARTES e INCRA com os jovens do assentamento Barra do Leme e, paralelamente a aproximação do grupo Caricultura, nos sentimos instigada a fazer um estudo que fosse além das apropriações que os jovens faziam das oficinas audiovisuais ministradas pela ACARTES. Assim, com as informações e as análises feitas do material adquirido na pesquisa exploratória construímos novos “mapas” da pesquisa. Passamos a priorizar as relações vividas no assentamento Barra do Leme e compreender que seria necessário perceber além das apropriações e os usos do audiovisual pelos jovens, as interferências das políticas públicas culturais para a juventude rural. Essa modificação foi orientada a partir das próprias observações do campo, que apresentaram como uma das limitações para o estudo antes proposto, o pouco uso do audiovisual pelos jovens. Isso, conseqüentemente, impossibilitava a proposta antes apresentada, pois além de ser inviável não possibilitava ver as multiplicidades e singularidades que constituíam o grupo, que apesar de participar das oficinas audiovisuais desenvolvidas pela ACARTES e ter jovens que até trabalham na área, ainda é uma relação em construção no grupo.

Pedro<sup>16</sup>, um dos jovens que participou das oficinas da ACARTES, que atualmente trabalha com edição, relatou durante uma entrevista sua relação com o audiovisual.

*Minha ligação com o audiovisual foi antes de eu conhecer a ACARTES, eu já tinha esse envolvimento, eu não diria assim direto com o audiovisual, mas era com outra parte era com edição de vídeo, o audiovisual veio através da ACARTES, mas eu considero a minha ligação com o audiovisual, sinceridade, eu considero pouquíssima apenas quando eu vou pra ACARTES ou quando eu tento ajudar de alguma maneira o grupo Caricultura entendeu, porque o trabalho que eu venho fazendo eu não acho que tem muito a ver com audiovisual entendeu, é mais publicidade alguma coisa assim, audiovisual acho que não, mas apesar de eu gostar muito, entendeu. (Transcrição da entrevista realizada em 14/01/2013 - Pedro, 22 anos).*

Observamos na fala de Pedro, que diferente das outras práticas socioculturais, a exemplo o teatro, que foi uma das práticas pioneiras no assentamento que faz parte dos processos históricos e culturais do grupo, o audiovisual é uma iniciativa embrionária até para ele que atua no mercado como editor de vídeos. Diante desta conjuntura, a pesquisa, passou a ter como objetivo principal compreender os modos de subjetivação da juventude rural, a partir

---

<sup>15</sup> Fala citada por uma das lideranças do assentamento em uma das conversas sobre o grupo.

<sup>16</sup> Nome do jovem é fictício.

das práticas socioculturais mobilizadas e articuladas pelos jovens no assentamento rural Barra do Leme, em Pentecoste, região norte do Ceará.

### **Considerações finais**

A partir desta experiência de pesquisa no assentamento Barra do Leme, em que retomamos durante a aproximação do campo algumas reflexões sobre os processos de realização da pesquisa, consideramos que as singularidades e multiplicidades de um objeto nos possibilitam fazer conexões e assim como “rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22) fazer vários entrelaçamentos, novos percursos e questões de pesquisa. No âmbito da trajetória de pesquisa no assentamento Barra do Leme, que segue até abril de 2015, fomos percebendo que muitas questões deveriam ser reformuladas e os caminhos antes propostos seriam modificados. Não por não ter nossas perguntas de pesquisa, ou simplesmente por uma escolha mais viável para a realização do estudo, mas por saber da existência de singularidades e multiplicidades que apresenta um objeto e por nos permitir desde o início da pesquisa atuar como um pesquisador “nômade”, que se deixa atravessar e afetar pelo seu campo, sem percorrer todos os caminhos ou ser modular e sistêmico.

Segundo Deleuze e Guattari (2012), o cientista “nômade” se encontra sempre nas fronteiras e por isso é capaz de fazer múltiplas conexões e até ser incorporado àquilo que está fora dos padrões estabelecidos. Desse modo, é importante salientar que a escolha do tema de uma pesquisa, assim como o local de realização do estudo e metodologia não são escolhidos ao acaso. Na maioria das pesquisas são instigados pelos fluxos vividos pelos pesquisadores, desejos, inquietações, encontros e desencontros que permeiam sua história de vida.

Refletimos nesse sentido, que embora os estudos sejam produções singulares de cada objeto são perpassados por agenciamentos coletivos, tendo em vista que envolve todo o complexo de interações sociais. Na pesquisa *com* jovens no assentamento Barra do Leme temos como desafio conhecer as intervenções produzidas pelos jovens, que nos remetem as competências, as expressões e aos desejos juvenis, ao mesmo tempo em que estaremos intervindo neste espaço, a partir do próprio método da pesquisa que se propõe a cartografar os modos de operar e intervir destes jovens.

Neste caso, o acompanhamento das intervenções produzidas pelos jovens representa uma amostra da pesquisa que irá trazer questões essenciais para as reflexões. Destacamos que ainda não descartamos a possibilidade de planejarmos junto *com* os jovens algumas oficinas

de audiovisuais no próprio assentamento, visto que este também é um desejo dos três jovens que participaram das oficinas ministradas pela ACARTES. Por fim, destacamos que as experiências de pesquisa fazendo uso da cartografia em campo unem posturas compreensivas e posicionamentos interventivos, fazendo o enlace da compreensão e intervenção na pesquisa qualitativa.

### Referências bibliográficas

- AGUIAR, Lisiane Machado. **Processualidades da cartografia nos usos teóricos metodológicos de pesquisas em Comunicação Social**. Dissertação de pós-graduação em Ciências da Comunicação. UNISINOS, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). **Pesquisa Participante**. 4. ed. Editora Brasiliense, São Paulo, 2006.
- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. In: *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade/orgs*. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2010. Páginas: 52-75.
- CASTRO, Lúcia Rabello de; e BESSET, Vera Lopes. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude: construindo caminhos**. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; e BESSET, Vera Lopes (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Tarepa/FAPERJ, 2008.
- DELEUZE, Gilles. 1925-1995. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol.1/Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol.5/Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. Ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- FONSECA, T. M. G. *et. al*. Rumores discretos de um abecedário de pesquisa. In: FONSECA, T. M. G. (Orgs). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre, Sulina, 2012, p. 9-12.
- FOUCAULT, Michel. **Sobre a história da sexualidade**. In: MACHADO, R. (Org.). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.243-276.
- GONDIN, Linda M. de Pontes. **Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da dissertação de Mestrado**. Fortaleza, Edições, UFC, 1999.

GOLDENDERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa em ciências sociais. Rio de Janeiro, Record, 1999.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

KIRST, P. Gomes; *et .al.* Conhecimento e Cartografia: Tempestade de possíveis. In: FONSECA, T.M. G. (Orgs). **Cartografia e Devires:** a construção do presente. Porto Alegre, EDUFRS, 2003, p. 91-102.

MARTÍN – BARBERO, Jesús. Introdução. Aventuras de um Cartógrafo. In: **Ofício do Cartógrafo:** Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

MAGNANI, J. G.C. **Festa no Pedaco:** cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Editora UNESP, 2003.

OLIVEIRA, Catarina Tereza farias de; ABREU, Maria Evilene de Sousa. **Por que intervir? Justificativas para o uso da intervenção nas pesquisas sobre movimentos sociais e comunicação.** GT - Comunicação Popular, Comunitária e Cidadania. XII Congresso do ALAIC, Peru. 2014.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo; GONZALEZ, Rodrigo R. **Uma cortada metodológica:** abordajes qualitativos em la investigacion em comunicacion, médios y audiências. México, 2011.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Pistas do método da cartografia: **Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2010. Páginas: 17-31.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. 1995. **Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático.** In: Pesquisa educacional: quantidade-qualidade / José Camilo dos Santos Filho; Silvio Sánchez Gamboa (org.). São Paulo: Cortez, 1995. p. 13-59.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986.